

B"H
PARASHAT METSORÁ

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no Shabat; após o Shabat, estará à sua disposição

O remédio secreto

Um mascate judeu em *Éretz Yisrael* caminhava penosamente de uma aldeia a outra, vendendo seus produtos. Ao se aproximar da cidade de Tsipori começou a anunciar: "Quem quer comprar um remédio que prolonga a vida? Quem quer um remédio que dá vida longa?"

Um dos Sábios, *Rabi Yanai*, estava passando e ouviu as palavras do ambulante.

"Venda-me seu remédio!" pediu ao mascate.

"Ao senhor e aos outros Sábios eu não venderei; não precisam disso", respondeu o homem.

"Por favor, venda-o", insistiu *Rabi Yanai*.

O mascate então pegou um Livro de *Tehilim* e mostrou um versículo a *Rabi Yanai*: "Quem é o homem que deseja a vida? Quem quer ter dias longos e bons? Proteja sua língua para não falar o mal e seus lábios de contar mentiras! (*Tehilim* 34:13-14) Aquele que é cuidadoso para não falar *lashon hará* merecerá a vida no Mundo Vindouro. Ele também terá dias longos e agradáveis neste mundo."

Rabi Yanai comentou: "Isso é realmente um bom remédio."

O Rei Shelomô nos advertiu de forma similar em seu Livro de *Mishlê*: "*Shomer piv uleshono shomer mitsarot nafsho* / Aquele que vigia sua língua e a boca, protege o corpo de problemas." A palavra *tsará* (problema) é quase a mesma que *tsaraat*. Aquele que se refreia e não fala *lashon hará*, protege-se contra *tsaraat*.

O que é *lashon hará*?

É uma observação negativa verdadeira sobre outra pessoa. A *Torá* nos proíbe de fazer tal declaração ou dar ouvidos a ela.

Por que *lashon hará* é tão grave?

Nossos Sábios nos ensinam que um judeu que fala *lashon hará* peca tão gravemente como um assassino, adúltero ou idólatra. Na Época do *Bet Hamicdash* um judeu que falasse *lashon hará* era punido com *tsaraat*. É fácil entendermos por que um judeu que cometeu assassinato ou roubo foi afligido com *tsaraat*. São crimes graves. Mas por que um judeu que profere umas poucas palavras proibidas também recebe *tsaraat*?

Eis algumas das razões pelas quais *lashon hará* é considerado uma falta tão grave.

1. É muito difícil, e às vezes quase impossível, fazer *teshuvá* por ter falado *lashon hará*

Para fazer *teshuvá*, a pessoa deve se arrepender por ter falado *lashon hará* e decidir nunca mais repetir esta falha. Mas não é suficiente. Ele deve também dirigir-se à pessoa sobre a qual falou e desculpar-se. É muito difícil procurar um parente ou amigo e dizer: "Falei *lashon hará* sobre você; por favor, perdoe-me!" Isso é tão constrangedor que a maioria das pessoas não o fará.

Mesmo que uma pessoa deseje pedir o perdão a outra, pode ser que tenha falado *lashon hará* sobre um grupo de pessoas e não pode desculpar-se com todas elas. Ou pode ter falado *lashon hará* sobre alguém que mudou de país ou faleceu.

A *teshuvá* completa por *lashon hará* é muito difícil. Por isso, devemos ser cuidadosos para evitar este pecado.

2. *Lashon hará* freqüentemente é cometido mais de uma vez

Quando se trata de roubo ou assassinato, um judeu entende que deve fazer *teshuvá* e nunca mais cometer aquilo. Mas quando se trata de *lashon hará*, a pessoa pode pensar erroneamente: "Que diferença fazem umas poucas palavras?"

3. *Hashem* quer que todos os judeus vivam em paz uns com os outros

O *lashon hará* causa ressentimento e brigas entre o ouvinte e aquele de quem se falou. Muitas vezes um judeu se recusa a ser amigo de outro, apenas porque certa vez ouviu algo de negativo sobre ele.

O *metSORá* (doente com *tsaraat*) era obrigado a sair do acampamento e ficar isolado, pois foi ele quem causou o rompimento de amizades. Mesmo fora do acampamento, ninguém tinha permissão de aproximar-se dele. Ficava separado da família, amigos e vizinhos.

Devemos usar nossa língua para a finalidade correta

De todas as criaturas que *Hashem* criou, apenas seres humanos podem falar. Embora animais se comuniquem de algumas formas, não usam palavras.

O dom da palavra é um presente de *Hashem* à humanidade. Por isso, *Hashem* nos ordenou manter nossa língua pura e usá-la para palavras de *Torá* e *chessed* (bondade).

Pela maneira de nos expressarmos, pode-se perceber que tipo de pessoa somos.

O Talmud relata a seguinte história

Dois estudantes sentavam-se perante Hilel e discutiam uma *Mishná* (passagem talmúdica). Um deles perguntou: "Por que uvas devem ser colhidas em recipientes puros, ao passo que azeitonas podem ser cortadas em vasilhas impuras?" Ele então explicou a resposta da *Mishná*.

O outro aluno usou palavras diferentes para fazer a mesma pergunta: "Por que uvas devem ser colhidas em recipientes puros, e azeitonas não precisam disso?" Ele foi cuidadoso em evitar a palavra impuro.

Quando Hilel ouviu as palavras do segundo estudante, disse: "Tenho certeza de que este aluno, que foi tão cuidadoso em usar apenas palavras boas, se tornará um mestre de *Torá* para o povo judeu!" E assim aconteceu: ele tornou-se um grande professor de *Halachá* (Lei Judaica).

Há outra história a respeito de três *cohanim* que comentavam entre si o tamanho da porção de *léchem hapanim* (o pão sagrado da proposição, que ficava exposto sobre o *Shulchan*) que haviam recebido.

Disse o primeiro: "Recebi uma porção pequena como uma ervilha."

O segundo declarou: "Recebi um *kezáyit*, um pedaço do tamanho de uma azeitona."

O terceiro falou: "Recebi um pedaço do tamanho da cauda do lagarto."

Este último exemplo não era uma comparação correta. Não era apropriado comparar uma porção do sagrado *léchem hapanim* à cauda de um lagarto, um animal impuro.

Quando os Sábios ouviram essa declaração, verificaram a árvore genealógica do *cohen*. Descobriram que havia nascido de um casamento proibido para os *cohanim*. Não lhe foi mais permitido servir no *Bet Hamicdash*.

Desses relatos aprendemos quão importante é usar uma linguagem pura, refinada, e não vulgar.

Como combater o impulso de falar *lashon hará*

Uma pessoa se confronta diariamente com ocasiões para falar *lashon hará*. Dentre todos os membros e órgãos, a língua é o que se move com menos dificuldade e mais rapidez. Conseqüentemente, *lashon hará* é um dos pecados cometidos com mais freqüência.

A língua foi criada com a habilidade de mover-se mais rápido que os outros órgãos como uma concessão especial de *Hashem*, que, em Sua bondade, capacitou as pessoas a falarem centenas de palavras por minuto, a fim de assegurar que possam receber a maior recompensa possível.

Além disso, os efeitos da palavra falada não são tangíveis como são os efeitos de uma transgressão cometida através de uma ação; portanto, tendemos a tratar essa ofensa mais levemente que outras proibições da *Torá*.

A punição de *tsaraat* não existe mais, e sua ameaça não nos impede de falar maledicência, como na época do *Bet Hamicdash*. Como podemos, então, nos fortalecer contra a tentação do *lashon hará*?

O *Midrash* nos oferece diversas idéias que servem como conselhos valiosos:

1. Nossos Sábios ensinam que cada palavra que deixa a boca da pessoa é contabilizada no Céu

Um dia, todas essas palavras serão repetidas para ela novamente. A pessoa deve se conscientizar que a palavra, uma vez proferida, não evapora no ar sem deixar traços, e que não precisa ser levada a sério. Pelo contrário! Cada palavra proferida deixa marcas eternas que não podem ser apagadas.

2. A pessoa deve levar em conta a posição especial que o Todo Poderoso conferiu à língua

Hashem repreende a língua: "Ó língua loquaz e trapaceira! Por que fica perambulando constantemente, apesar de Eu a ter colocado numa posição diferente de todos os órgãos e membros do corpo humano? Eu coloquei os outros membros numa posição vertical ou diagonal, ao passo que você fica horizontalmente na boca, em posição de repouso, para indicar que a posição natural é a de repouso; não deve ficar em movimento constante.

"E além disso", disse o Todo Poderoso à língua, "Eu a aprisionei. Envolvi-a em duas barreiras (para advertir seu dono que não a perca). Um muro interno de dentes, e uma barreira externa de carne, os lábios que a confinam. Com quantas barricadas mais Eu tenho de bloqueá-la para que se refreie de falar o mal?"

Refletir sobre a função e tarefa especial confiada a cada órgão nos encoraja a utilizá-lo apenas para o bem, como é a intenção do Criador. A língua nos foi concedida com o propósito de falar palavras de *Torá*, orações, e para o bem de nossos semelhantes.

Rabi Shimon bar Yochai declarou: "Se eu estivesse presente em *Matan Torá*, teria pedido ao Todo Poderoso que desse a cada ser humano mais uma boca, que servisse somente ao propósito de estudar *Torá* (pois não é apropriado que a boca que se empenha na elevada ocupação de falar palavras de *Torá* também seja usada para comer e discutir assuntos de negócios)."

Pensando melhor, contudo, mudou de opinião. "Isto não seria bom", decidiu. "As pessoas têm uma única boca e falam tanto *lashon hará*! O que aconteceria se tivessem duas?!"

Por que o dedo humano cabe exatamente no orifício da orelha? Foi criado assim pois, se alguém escutar palavras que não deveria, como fofocas ou conversas vãs, pode inserir o dedo no ouvido e recusar-se a ouvir. E por que *Hashem* criou o lóbulo da orelha macio, apesar de fazer o resto do tecido da orelha cartilaginoso? O lóbulo é constituído de uma textura flexível, para o bem de quem está exposto à maledicência. Ele deve dobrá-lo para cima para cobrir o pavilhão do ouvido, trancando para fora todo *lashon hará*.

O poder da língua está ilustrado pela seguinte parábola

Certa vez, um rei persa caiu doente e, como resultado perdeu peso e enfraqueceu.

"Há apenas uma única cura que podemos sugerir", aconselharam os médicos, "que se fortaleça, recupere o vigor e restaure suas forças. Você deve beber o leite de uma leoa. Se puder obter e beber esse leite, garantimos que seu estado melhorará rapidamente."

Sem saber como obter leite de leoa, o rei despachou mensageiros e dinheiro ao Rei Shelomô, em *Yerushaláyim*, que era mundialmente conhecido por sua sabedoria, a fim de implorar-lhe que achasse uma maneira de se obter tal leite. Shelomô encarregou seu conselheiro Benayahu *ben* Yehoyada de tal tarefa.

"Quero que me tragam dez cabras", ordenou Benayahu. Então enviou um dos servos de Shelomô à floresta, para procurar um covil. O servo entrou na densa floresta, e finalmente descobriu um covil onde uma leoa estava amamentando as crias. Benayahu ordenou ao servo que lhe mostrasse o caminho, e acompanhou-o, levando a cabra junto. Permanecendo a uma distância segura do covil, Benayahu jogou a cabra para dentro, e esta foi imediatamente devorada pela leoa.

No dia seguinte, Benayahu aventurou-se, aproximando-se mais alguns passos, e atirando outra cabra. Repetiu este procedimento diariamente, aproximando-se progressivamente do covil, até que a leoa estivesse acostumada à sua presença. Após algum tempo, esta permitiu ser tocada sem machucá-lo. Ela abandonou qualquer temor ou suspeita, assim Benayahu pôde "ordenhá-la". Tão logo Shelomô recebeu o leite, mandou seu servo levá-lo ao rei persa.

Enquanto o mensageiro avançava pela estrada, seus membros começaram a discutir sobre qual deles merecia os louros pela proeza de obter o leite da leoa.

"Somos maravilhosos", disseram os pés. "Somos superiores a todos os outros membros, pois se não caminhássemos até o covil, o leite não seria obtido."

"Não é verdade", objetaram as mãos. "Somos o instrumento da tarefa. Se não tivéssemos ordenhado a leoa, o leite não estaria em nosso poder agora."

"E que tem isso de mais?" exclamaram os olhos. "Não descobrimos o caminho para o covil? Se não fosse por nós, o plano inteiro não poderia se realizar!"

"Vocês estão me ignorando!" reclamou o coração. "Fui eu que pensei nessa brilhante idéia primeiro!"

Com isso, todos os membros clamaram em protesto: "Como ousa comparar-se a nós? Você não possui ossos, como nós, é apenas uma mera protuberância macia confinada a uma caverna escura!"

Insultada, a língua retrucou: "Esperem só e verão como sou mestre de todos vocês!"

O mensageiro chegou ao palácio do rei persa, e correu até o trono. Mostrou o leite, e quis repetir a mensagem do Rei Shelomô; mas em vez disto, as palavras que saíram de sua boca foram: "Eis que vos apresento, Oh Majestade, o leite de cadela que pedistes!"

O rei achou que fora ridicularizado e, num rompante de ira, ordenou que o mensageiro fosse enforcado imediatamente. O coitado foi levado ao cadafalso; todos os seus membros tremiam.

"Estão vendo agora que, comparados a mim, vocês não valem nada?" declarou a língua, triunfante.

"Admitimos", gritaram todos os órgãos em uníssono. "Você comanda a vida e a morte!"

A língua ficou satisfeita. "Tenho uma importante mensagem para o rei", gritou. "Por favor, levem-me a ele por um momento." Os soldados ouviram, e conduziram-no novamente ao rei.

"Por que devo ser executado?" perguntou o mensageiro.

"Você me trouxe leite de cadela!" gritou o rei.

"Asseguro a Vossa Majestade", disse o mensageiro, "que este leite o curará. Minhas palavras foram apenas um ato falho da língua, pois no idioma de meu país utiliza-se a mesma palavra para leão e cachorro."

O rei acreditou nele. Bebeu o leite e recuperou-se. Conseqüentemente, perdoou o prisioneiro.

A história acima nos foi ensinada pelos Sábios para incutir-nos a veracidade das palavras de Shelomô (*Mishlé* 18: 21): "A morte e a vida estão nas mãos da língua."

Devemos também refletir que a língua é uma arma muito potente, mais poderosa que um punhal ou espada. A espada só pode matar quem estiver próximo, enquanto que o *lashon hará* emitido por alguém num continente pode atingir o coração de alguém em outro, como se fosse um poderoso míssil.

Não apenas isso, mas o *lashon hará* mata três simultaneamente: o falante, o ouvinte, e a pessoa sobre quem se fala. Uma espada, em comparação, é bem menos potente, pois mata apenas um de cada vez.

3. Pedindo proteção diária contra *lashon hará*

Para se salvar do *lashon hará*, deve-se rezar diariamente pela ajuda de *Hashem*, dizendo: "*Elokai netsor leshoni merá / Meu D'us, preserva minha língua de calúnias e os meus lábios de duplicidade.*"

Hashem auxilia somente aos que fazem um esforço inicial. A parte da pessoa é estudar as leis pertinentes a *lashon hará*, a fim de saber que falas são permitidas e quais não, e tentar colocar as *Halachot* (Leis) em prática.

Mar, filho de *Rabi Huna*, pronunciava essa frase ao final de suas orações, sendo mais tarde incorporada às nossas orações ao final da *amidá*.

4. Dois conselhos para evitar *lashon hará*

Há dois hábitos que, se adotados, ajudam-nos a termos menos tendência a falar e escutar *lashon hará*:

Se for capaz de estudar *Torá*, deve fazê-lo.

O estudo de *Torá* evita *lashon hará* de duas maneiras. Geralmente, *lashon hará* é falado por pessoas que sentam-se ociosas, e têm necessidade de algum tópico interessante para diverti-las do aborrecimento e tédio da rotina diária. Saboreiam qualquer novidade sensacional, mesmo às custas de alguém. Quem está ocupado com o estudo de *Torá* descobre que sua mente está absorvida com a emoção, vibração e constante novidade da experiência. Não tem apenas alimento para a mente, mas desejará partilhar seu estudo de *Torá* com outros. Conseqüentemente, sua conversa girará em torno de tópicos de *Torá*, sem necessidade de falar dos outros.

Nossos Sábios também forneceram um guia sobre como uma pessoa sem estudos pode reduzir a tendência ao *lashon hará* – deve ser humilde.

O prazer obtido maldizendo os outros, analisando-o psicologicamente, é a sensação de superioridade assim obtida. Degradando outros, a pessoa tem, em sua mente, a gratificação de ser "simpática", uma pessoa melhor que as outras. Em seu coração, parabeniza-se por não ser culpado pelos vícios ou ofensas alheios. Contudo, se olhasse para si mesmo objetivamente, admitiria que também possui falhas, e está longe de ser perfeito.

Em conseqüência, adotaria uma atitude benigna, magnânima e de perdão em relação a seu semelhante, relevando os erros. Evitará anunciá-los a terceiros, da mesma forma que gostaria que outros ignorassem seus defeitos.

Além disso, se possuísse o traço da humildade, procuraria justificar o comportamento dos outros e julgá-los favoravelmente. Portanto, para evitar *lashon hará*, a humildade pessoal é um pré-requisito.

Como o *metsorá* torna-se puro?

Como já explicamos, uma das razões principais que causavam *tsaraat* era o *lashon hará*.

A palavra *metsorá* (aquele que tem *tsaraat*), é parecida com a expressão *motsi rá* (alguém que fala o mal).

Se o *metsorá* fizesse *teshuvá*, enquanto estava fora do acampamento, *Hashem* fazia com que as manchas brancas na pele desaparecessem.

O *metsorá* se sentia aliviado quando percebia que as marcas tinham desaparecido. Ele então chamava um *cohen*. Este caminhava até fora do acampamento para examiná-lo. O *cohen* dizia: "Começaremos a torná-lo *tahor* (puro). Hoje é o primeiro dia de sua *tahará* (purificação). No oitavo dia, você oferecerá *corbanot* (oferendas), ficará completamente puro e poderá juntar-se à sua família."

O *cohen* ordenava que lhe levassem recipientes de barro com água fresca de um manancial. Pedia que levassem também duas aves da mesma espécie. Abatia uma das aves sobre a água e extraía seu sangue para dentro do recipiente. Em seguida, enterrava a ave morta. O *cohen* pegava uma vara de cedro, um tipo de grama chamada *ezov* e um fio vermelho. Utilizava o cordão vermelho para amarrar a madeira e o galho de grama. Junto com a ave viva, molhava-os na água com sangue. Então, espirrava a água sete vezes sobre a mão do *metsorá*. Por último, deixava a ave viva ir embora. Se ela voltasse, tornava a soltá-la até que saísse voando e não voltasse mais.

Parte do processo da sua purificação requeria que o *metsorá* raspasse todo o cabelo e pêlos do corpo e imergisse a si mesmo e suas roupas num *micvê*. Ao final da sua purificação, o *metsorá* levava vários sacrifícios. Após ofertar os *corbanot*, o judeu tornava-se puro novamente e podia reunir-se à família. Imagine sua felicidade! Sentia-se quase como alguém que havia morrido e voltara a viver.

Este judeu jamais falaria *lashon hará* novamente. Certamente prestaria mais atenção às suas palavras no futuro.

Por que duas aves, um graveto de cedro e ezov eram usados para purificar o *metsorá*?

Por que a *Torá* nos ordenou usar aves para purificar o *metsorá*?

Hashem, assim, está lhe dizendo: “Você agiu como um pássaro! A ave chilreia constantemente e você também falou e falou, sem prestar atenção ao que dizia.”

Por que um pássaro é abatido e outro é libertado?

O pássaro colocado em liberdade significa: Se você usar sua língua com palavras de *Torá* e bondade, estará usufruindo da vida de modo correto.

A grama e o cedro são totalmente opostos. O cedro é a mais alta das árvores e o ezov, o mais baixo dos arbustos. O *metsorá* é lembrado: Por que você falou *lashon hará*? Porque pensou que era um cedro – melhor que os outros. Para evitar *lashon hará* no futuro, deve sentir-se humilde como a grama.

Por que *Hashem* colocava *tsaraat* nas casas?

Hashem às vezes também enviava manchas de *tsaraat* às paredes das casas. Isso acontecia por uma série de razões:

1. Era uma punição quando um judeu agia mesquinamente. Uma casa judaica é especial. As portas têm *mezuzot*, e a cada sete dias transforma-se em um palácio, recepcionando a Rainha *Shabat*. O dono de um verdadeiro lar judeu abre suas portas àqueles que necessitam de comida, *tsedacá*, um empréstimo ou qualquer outro tipo de ajuda. Entretanto, se um judeu tem uma bela casa, mas egoisticamente diz àqueles que precisam de dinheiro ou objetos: “Não posso dar-lhe coisa alguma”, e àqueles que precisam de uma refeição ou um lugar para dormir: “Preciso de minha casa para mim mesmo”, *Hashem* o pune. No tempo do *Bet Hamicdash*, *Hashem* fazia com que aparecesse *tsaraat* nas paredes da casa.

O *cohen*, então, tinha de lacrar aquela casa. O dono nem ao menos podia entrar em sua própria residência, da mesma forma que a tinha fechado para outros que pediram ajuda. E se as manchas de *tsaraat* continuavam a voltar, a casa tinha de ser demolida. Desta maneira, o avarento era punido por não compartilhar sua casa e seus pertences com outros judeus.

2. *Tsaraat* nas paredes era uma recompensa: Às vezes atingia as paredes de uma casa cujo dono não cometera uma falha. Para este, a *tsaraat* era uma recompensa. Quando os canaanitas souberam que os judeus estavam para entrar em *Êrets Yisrael*, muitos deles esconderam ouro, prata e objetos de valor nas paredes. Isto jamais teria sido descoberto se não fosse pelas manchas que surgiam nas paredes. Se um judeu fosse merecedor, *Hashem* fazia a *tsaraat* aparecer nos mesmos lugares onde o tesouro estava escondido. Para ficar livre da praga, aquelas pedras tinham de ser removidas. E veja só – a família achava ouro e prata atrás delas!

O que acontecia se a casa tinha *tsaraat*

Se um judeu que vivesse em qualquer cidade de *Êrets Yisrael* (exceto Jerusalém), e achasse uma mancha na parede, chamava um *cohen* e lhe dizia: “Percebi uma mancha numa parede, parece *tsaraat*.” O *cohen* ordenava: “Antes que eu vá, tire todos os pertences da casa!” Desta maneira, os objetos não se tornariam impuros, caso o *cohen* decidisse lacrar a casa.

Como explicamos, uma das razões pelas quais *Hashem* mandava *tsaraat* a uma casa, era por causa da avareza do proprietário. Recusava-se a emprestar seus pertences a outrem, pensando que jamais alguém pudesse descobrir quantos objetos tinha escondidos em sua casa. Agora precisava colocar seus utensílios na rua. Todos os vizinhos viam os objetos que ele mantivera em segredo nos armários. Como este judeu ficava envergonhado! Talvez fizesse *teshuvá* pela sua mesquinhez. Então, quem sabe, *Hashem* deixasse as manchas de *tsaraat* nas paredes da casa desaparecerem ou se tornarem mais fracas.

Porém, se não o fizesse, o *cohen* afirmava que a mancha na parede era *tsaraat*. Ordenava então: “Esta casa deve ser trancada por sete dias!”

Após uma semana, finalmente, a família tinha permissão de voltar para sua casa. Se os membros daquela família tivessem sido mesquinhos ou antipáticos, certamente se tornariam generosos e humildes. Primeiro, seus pertences haviam sido colocados na rua. Depois, foram mantidos fora de casa por uma semana (algumas vezes por três semanas). O tempo todo temeram que o *tsaraat* pudesse se espalhar e que a casa tivesse de ser demolida. Agora percebiam que o lar de uma pessoa e todas as suas posses na verdade pertencem a *Hashem*. Dinheiro e objetos nos são concedidos para que os usemos com o propósito correto.

***Tsaraat* era um milagre**

Quando Moshê ensinou as leis de *tsaraat* a *Benê Yisrael*, eles se tornaram temerosos deste terrível problema de pele. Porém Moshê os acalmou: “Vocês não precisam ter medo. *Tsaraat* é um sinal de *Hashem* de que vocês são uma nação sagrada. *Hashem* os adverte a fazerem *teshuvá*. Isto é um privilégio que Ele não concede a nenhuma outra nação!”

O *tsaraat* provou a *Benê Yisrael* o quanto *Hashem* se preocupava com eles.

Os judeus tiveram de guardar as leis de *tsaraat* apenas em *Benê Yisrael*; não em outros países. *Êrets Yisrael* é a Terra Santa, onde a *Shechiná* repousa; por isso, os judeus que lá vivem devem ser mais cuidadosos com as *mitsvot* que outros vivendo fora da Terra.

Tum'á / Impureza e sua aplicação atualmente

No final desta *Parashá*, a *Torá* discute as *Halachot* pertinentes a alguém que está *tamê* (impuro) como resultado de certas condições físicas.

Hashem declarou: "As leis concernentes a este assunto Me agradam muito!" Isto fica evidente pelo fato de que a *Torá* não as condensa, mas pelo contrário, devota extensos capítulos aos vários tipos de *tum'á*.

As leis de pureza e impureza são queridas ao Todo Poderoso, pois atestam o caráter especial sagrado de nosso povo. Se os mesmos sintomas aparecem num não-judeu, de acordo com a *Torá*, isto não o denigre.

Exige-se de nossa nação, em meio à qual paira a *Shechiná*, que mantenha o mais elevado nível de *kedushá*.

Na prática, a maioria das leis de *tum'á* e *tahará* não se aplicam hoje em dia, pois após a destruição do Templo, faltam-nos os meios necessários para a purificação.

Todavia, as leis de *nidut* vigoram atualmente; e o cumprimento das mesmas é vital para a contínua existência de *Benê Yisrael* como uma nação sagrada.

O termo "*nidut*" denota afastamento, segregação. Uma mulher se torna *nidá* através de menstruação, ao dar à luz, ou sangramentos uterinos. Ela se torna assim *temeá* (ritualmente impura); precisa contar sete dias limpos e imergir num *micvê*, a fim de tornar-se pura. O marido deve separar-se de sua esposa enquanto ela se encontra em estado de *nidá* (*Vaycrá* 18:19).

Uma mulher que é zelosa com as leis de *nidá* merece gerar filhos pródigos em sabedoria de *Torá*, capazes de tomar decisões haláchicas (legais).

Devemos nos esforçar para manter a profunda e ardente devoção e entusiasmo pela *Torá* e *mitsvot* de nossos ancestrais. Nossas avós dedicaram sua alma para imergirem em rios congelados e *micvaot*, a fim de cumprirem e manterem as leis de *nidut* da *Torá*. Através de seu auto-sacrifício acenderam o fogo pela *Torá* do Todo Poderoso no coração de seus filhos.

Rachav, que vivia na cidade canaanita de Yerichô era rameira por profissão. Contudo, quando soube que o Mar Vermelho dividiu-se miraculosamente para dar passagem aos judeus, ficou profundamente emocionada, e concluiu que o Todo Poderoso é o D'us verdadeiro, que deve ser obedecido.

Hashem, que viu seu sincero desejo de servi-Lo, dirigiu providencialmente os passos de dois espiões judeus à casa de Rachav. Foram enviados por Yehoshua para explorar os sentimentos dos habitantes da Terra.

Apesar de estarem disfarçados, o fato de serem espiões judeus foi logo descoberto. O rei de Yerichô enviou mensageiros à casa de Rachav, ordenando-lhe: "Entregue-me os dois homens que vieram à sua casa, pois vieram espionar a terra!"

Rachav decidiu então arriscar sua vida a fim de salvar os dois judeus, desta forma fazendo *teshuvá* por seu passado. Após escondê-los em peças de linho que estavam em seu sótão, voltou aos mensageiros do rei e disse-lhes: "Esses homens realmente vieram à minha casa, porém não sei quem são. Partiram ao cair da noite, exatamente quando os portões da cidade estavam prestes a se fechar. Persigam-nos depressa, e certamente conseguirão capturá-los!"

Quando os mensageiros reais partiram em direção ao Jordão, ela subiu ao sótão e declarou aos espiões: "Sei que *Hashem* lhes deu a Terra, pois todos os habitantes de Canaan tremem de medo e sentem o coração derreter quando escutam como Ele secou as águas do Mar Vermelho; e como derrotou os dois reis emoritas, Sichon e Og, e não sobrou coragem a homem algum. Sei que *Hashem*, seu D'us, É O D'US NOS CÉUS EM CIMA, E NA TERRA, EMBAIXO! Agora jurem que assim como demonstrei bondade para com vocês, irão retribuir da mesma forma, com bondade e verdade, e quando conquistarem a Terra, pouparão a mim e minha família da morte!"

Os espiões juraram, e ela os desceu pela janela através de cordas, pois sua casa situava-se nos muros da cidade. Aconselhou-os a se esconderem nas montanhas até que os homens do rei abandonassem a perseguição, e só então retornassem a Yehoshua.

Rachav orou: "Mestre do Universo, pequei perante Ti, negligenciando as três *mitsvot* que são obrigações específicas da mulher – *nidá*, separar a *chalá* da massa e acender as velas de *Shabat*. Pequei nestes três assuntos. Aceite, pois, minha *teshuvá*, a qual expressei resgatando esses dois homens através de três meios: a corda, a janela e o muro."

Quando *Benê Yisrael* tomaram posse da Terra, Rachav converteu-se em nome dos Céus, e tornou-se antecessora de oito famosos profetas.